Ano 28.º — Sábado, 15 de Junho de 1935 — N.º 1375

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

A previdencia social na organização corporativa

Uma das características essenciais e por certo mais interessantes da nova legislação do trabalho decretada pelos Govêrnos da situação, consiste na íntima e salutar aliança estabelecida entre os princípios da organização corporativa e os preceitos que se referem à previdência social.

Vale a pena atentar nêsse aspecto da grande reforma empreendida, aspecto que se revela nitidamente através de todos os decretos publicados pelo Sub-Secretariado do Estado das Corporações, e onde as nobres intenções do legislador se harmonizam inteiramente com os interêsses mais altos e verdadeiros das classes trabalhadoras.

Ao estabelecer as regras da *previdência social na organização corporativa* diz o artigo 48.º do Estatuto do Trabalho Nacional:

«A organização do trabalho abrange, em realização progressiva, como as circunstâncias o fôrem permitindo, as caixas ou instituições de previdência tendentes a defender o trabalhador na doença, na invalidez e no desemprêgo involuntário, e também a garantir-lhe pensões de reforma.» E os seus três parágrafos esclarecem: O 1.º que «A iniciativa e a organização das caixas e instituições de previdência incumbe aos organismos corporativos.» O 2.º que «Os patrões e os trabalhadores devem concorrer para a formação dos fundos necessários a êstes organismos, nos termos em que o Estado estabelecer expressamente, ou sancionar quando da iniciativa dos interessados.» O 3.º que «A administração das caixas e fundos alimentados por contribuição comum pertence de direito a representantes de ambas as partes contribuintes.» Observando o artigo 49.º que «do princípio de protecção às vítimas de acidentes de natureza profissional deriva por via de regra responsabilidade para as entidades patronais. Estas não deixarão de contribuír monetàriamente para assegurar ao trabalhador ou ao respectivo sindicato os meios de o pôr a coberto do risco profissional, mesmo que se trate de serviços em que não seja legalmente atribuída aos patrões responsabilidade directa pelos desastres verificados.»

No decreto em que se regula a instituição dos *Grémios*, onde se agrupam as entidades patronais, impõem-se-lhes, entre outras, a obrigação de «Cooperar com os Sindicatos Nacionais na fundação progressiva de instituições sindicais de previdência, destinadas a proteger os trabalhadores na doença, na invalidez e no desemprêgo involuntário, e também a garantir-lhes pensões de reforma.»

Dentre os deveres impostos aos Sindicatos Nacionais, onde se agrupam os indivíduos que trabalhem por conta de outrem, salienta-se a obrigação de criar «instituições sindicais de previdência compatíveis com as suas possibilidades económicas e cujas contas serão inteiramente separadas das contas gerais dos sindicatos.»

Também as *Casas do Povo* contam entre os seus objectivos os da *previdência e assistência*, cumprindo-lhes promover a fundação de «obras tendentes a assegurar aos sócios protecção e auxílios nos casos de doença, desemprêgo, inhabilidade e velhice.»

E no decreto-lei que autoriza o Govêrno a promover a construção de casas económicas a distribuír pelos chefes de família, empregados, operários ou outros assalariados, membros dos sindicatos nacionais, funcionários públicos, civís e militares, e operários dos quadros permanentes de serviços do Estado e das câmaras municipais, que se responsabilizem pelo pagamento de determinado número de prestações mensais, se institui o seguro de vida, de invalidez, de doença e de desemprêgo, tendente a garantir êsse pagamento em qualquer dos casos previstos e citados.

É, pois, constante a preocupação manifestada ao longo dêsses decretos na organização corporativa, de garantir o futuro daquêles trabalhadores a quem a invalidez impossibilite para o exercício da profissão, e até, como nêste último caso das Casas Económicas, o das próprias famílias dos mesmos trabalhadores, quando êstes venham a falecer antes de haverem pago as prestações exigidas.

É desta maneira que o Estado Novo zela e defende os legítimos interêsses do Trabalho — interêsses completamente descurados pelas antigas associações de classe. Com efeito, a lei de 1891, que êstes decretos revogaram, dava-lhes a permissão de organizar agências de colocação de empregados, operários ou aprendizes da respectiva especialidade, e de promover entre os seus sócios a organização de associações de socorros mútuos, de caixas económicas ou de sociedades cooperativas. Mas todos nós sabemos como essas associações, em grande parte dirigidas por *meneurs* revolucionários, esqueciam com facilidade os interêsses dos seus associados para pensarem apenas no agravamento da luta das classes, meio certo, no que lhes parecia, de preparar a revolução social donde havia de saír *emancipado* o trabalhador de bôa fé...

Pela lei de 91 era facultativa a *previdência*. Á face da nova lei é ela obrigatória para as organizações operárias.

LÚCIO CASTANHEIRO

Verdades

—o—

M. Angelo Vaccaro escreve no seu livro *A luta pela vida*:

«Quem quizer examinar um pouco a vida das pessoas suas conhecidas—escritores, catedráticos, profissionais, políticos, empregados, banqueiros, empresários – apesar seu, se verá obrigado a concluír que, em regra, os medíocres, os de consciência elástica, os mais *finos*, os menos escrupulosos, os charlatãis, os aduladores, os metediços, os demagogos, os amotinadores, são os que enriquecem, que sóbem, e que, apesar da sua imoralidade, são geralmente respeitados e admirados. Os que, pelo contrário procedem com delicadeza, com modéstia, com dignidade e rectidão, esses vivem na pobreza, e são, de ordinário, despresados e escarnecidos, visto que foi sempre o sucesso a regra e a norma dos juízos dos homens.

No entanto, e a-pesar-de não haver ninguém que ignore tudo isto, por uma daquelas mentiras convencionais que são a mais apurada expressão da hipocrisia dos homens, não se houve outra coisa, no meio desta nossa sociedade, senão prégar honradez e virtude, fazendo-se inteiramente o contrário.»

Se sempre assim foi...

Coisas e tal...

A moda feminina tem sofrido, desde tempos primitivos, as mais extraordinárias, fantasiosas e extravagantes evoluções, consoante o capricho das mulheres, o gôsto artístico dos homens e as vantagens que, pelo lado prático, aparecem ligadas ás alterações que têm sofrido, umas vezes as mais sensatas formas, outras as mais disparatadas e inconvenientes.

Ocupo-me hoje da moda dos chapeus grandes.

Pela Idade Média não se notou qualquer tendência para as largas abas. Por vezes umas pirâmides a ameaçar o S. Pedro... mas, no sentido da largura, quasi nada.

Na primeira metade do século XVI aparece, então, a pomposa touca, moda que não vingou, mas de que hoje há a cópia, muito fiel, nas ordens religiosas. Cito duas obras do grande pintor alemão H. Holbein (filho) que viveu quási toda a sua vida na Inglaterra, para documentar esta época: os retratos de Juana Seymour e de Ana de Cleves, respèctivamente terceira e quarta mulher de Henrique VIII de Inglaterra. O primeiro quadro existe no Museu Real de Viena, e o segundo, no Museu do Louvre, em Paris.

Aparece depois, e para iniciar uma longa carreira, a moda das abas largas.

No princípio do século XVII o gôsto por esta nova fórma vai ao requinte da arte na moda feminina. Vejâmos então o belíssimo quadro do admirável pintor flamengo, Rubens, que o museu Galeria Nacional de Londres, guarda avaramente — o retrato de Susana Fourment, cunhada do grande artista, apresentada com um fantástico e monumental chapeu de plumas.

Após um periodo de decadência, como não podia deixar de ser no capítulo modas femininas, reaparece com grandes laços e ainda mantendo as grandes plumas, agora desafiando o céu.

Estamos nos fins do século XVIII e princípios do XIX. Documenta-se esta fase com os retratos da bela actriz Molé-Raymond pintado pela artista francesa Vigée-Lebrun, e o da famosa e formosa Zady-Hámilton, etc.

Em fins do século XIX e princípio do das luzes, predomina então francamente, chegando a fazer parte das toilettes de baile, o grande chapeu, dando a ilusão da dansa dos guarda-chuvas.

Nos últimos anos, atendendo á parte cómoda da questão, os chapeus de largas abas não têm feito grande furôr.

Entro agora na razão do assunto de hoje. Nunca a questão das modas me interessou porque isso é para as senhoras, para os costureiros e costureiras. Se hoje, porém, dêle me ocupo é porque se esboça uma tendência da moda para a ampliação das abas dos chapeus das senhoras, que, começando a aparecer com elas nas sessões do cinema, tapam por completo a vista aos espectadores da plateia.

Ora isso não pode ser.

Todos pagâmos o nosso bilhete e portanto temos de vêr o espectáculo.

As senhoras farão a fineza de se instalarem nos camarotes ou então fazer, como nós, homens, que, embora com chapeus bem mais pequenos, somos obrigados a estar descarapuçados, o que aliás entendo ser justo para não incomodarmos...

Aqui vinha, a propósito, a anedota francesa Le Chapeau Vengeur; mas como o espaço não dá para mais, limito-me a pedir ás madamas, que levam tais chapeus, a fineza de, discrètamente, os tirarem quando se apagar a luz.

Ac.

Efemérides

15 de Junho

1891 — Aparece o manifesto dos emigrados da revolução de 31 de Janeiro, brilhantemente redigido por José Sampaio (Bruno).

1909—O dr. Nilo Peçanha assume a presidência da República do Brasil.

Da Lisbia amada...

Em 11

Há dia e meio que ando noutro mundo onde as surprezas se sucedem e as sensações se multiplicam, pois para saír da monotonia, distraír o espírito, animar a alma e reconfortar o organismo não há nada como um banho de capital de vêz enquando.

Eu gôsto. E porque isso faz parte integrante da minha vida, sempre que posso e me é possível, uso.

Viajar; vêr novidades; experimentar sensações—que coisa bôa!

Não posso eu alargar-me por falta daquilo com que se compram os melões; no entretanto algo já tenho visto e percorrido desta e Lisboa, tão minha predilecta, muito conheço para que me sinta feliz todas as vezes que se proporciona o ensejo de a visitar.

* * *

Agora vim encontrá-la em festa. Toda engalanada e ruídosa, visto contarem-se por muitas dezenas de milhares os forasteiros que a povoam. Bélo!

A alegria que vai por essas ruas e largos!

Um céu aberto!

Não podem, é impossível, fazer uma pequena ideia do que se está aqui passando.

Há, porém, três coisas que desejo focar: o bairro antigo de Lisboa; a passagem do *Zepellin* e a exibição do rancho da nossa terra — *Tricaninhas da Mocidade*.

O bairro, atraindo pela originalidade, faz-nos passar horas esquecidas a contemplar quanto dentro dêle se contém digno de apreço. É uma perfeita, uma autêntica invocação doutros tempos, que maravilha e nos deixa agradàvelmente impressionados, custando a saír lá de dentro. Percorrêmo-lo todo. E porque isso particularmente nos interessasse, fômos à botica onde o cheiro pronunciado a unguento de bazalicão — ou de *mangericão*, como lhe chamava o povo — nos fez recordar a antiga terapêutica em que entravam as papas de linhaça a par de outras drogas á sua imagem e semelhança. Foi, portanto, uma excelente ideia, esta, do bairro de Lisboa antiga a que muito por alto aludo.

Quanto à passagem do *Zepellin*, só visto êsse espectáculo único, maravilhoso, que tantos milhares de pessoas

IMPRENSA

«POVO DO NORTE»

Já deu a alma ao Criador êste semanário do Porto do qual, como prevemos ao referir-nos ao seu aparecimento, pouco havia a esperar.

Era marca *vigilante* mas dizia-se independente...

«LABOR»

Está em distribuição o n.º 65 desta revista local, o último do presente ano lectivo, pois o que se segue só saírá em Outubro.

Continúa a impôr-se e a honrar os seus directores e colaboradores, honrando igualmente o nosso liceu.

«O LAFONENSE»

Com este titulo começou a publicar-se em Oliveira de Frades um novo orgão regionalista, que sauda a imprensa portuguêsa, mas... sómente aquela que, alheia a influencias partidárias, segue, incorruptivel e honestamente, a trajectoria que tem por unico objectivo engrandecer Portugal.

Pela parte que nos diz respeito agradecemos as saudações do colega, ao qual desejâmos vida desafogada e próspera.

Escola Central de Sargentos

Vai âmanhã ser entregue solenemente à Escola Central de Sargentos, com séde em Agueda, um estandarte adquirido pelos alunos e bordado, a capricho, por distintas mãos femininas daquela vila do nosso distrito, devendo ser observado o seguinte programa:

Toque de alvorada por um terno de clarins de cavalaria 8.

A's 11 horas, missa de sufrágio por alma dos alunos mortos pela Pátria, sendo celebrante o sr. dr. Luís de Melo, de Coimbra, antigo capelão do C. E. P. e comendador da Ordem de Torre e Espada.

A's 13 horas, entrega da bandeira ao sr. comandante, acto a que assistirão os srs. general chefe do Estado Maior do Exército, general comandante da 2.ª Região Militar, altas individualidades civis e militares e funcionalismo publico.

A's 15 horas, inauguração de um vitral dedicado à memória dos antigos alunos mortos pela Pátria.

Das 17 às 19 horas, concerto pela banda de Infanteria 19 na parada do quartel.

A's 21,30, cinema sonoro ao ar livre no mesmo recinto com entrada grátis, devendo passar no *écran* vários documentários militares portuguêses e bem assim o filme *A Espia*.

Esta festa, dadas as características de que é revestida, deve atraír a Águeda muitíssima gente.

Homenagem póstuma

—o—

O povo da freguesia da Oliveirinha, do nosso concelho, vai pagar uma divida de gratidão homenageando a memória do Conselheiro Francisco de Castro Matoso, que foi um político de destaque no distrito de Aveiro.

Oriundo da ilustre casa dos Morgados da Oliveirinha, irmão do notável chefe do partido progressista José Luciano de Castro, levou tôda a vida a praticar o bem.

Ainda hoje—e já vão decorridos trinta anos após o seu falecimento—perdura entre os que o conheceram reconhecimento ao seu extraordinário valor e prestímo.

Não pode portanto, ser mais justa a homenagem que o povo da sua freguesia, por iniciativa da Junta, lhe vai prestar em paga dos benefícios que prestou á sua terra e à região, entre os quais avulta a monumental ponte de S. João de Loure, sôbre o Vouga, onde está colocada uma lápide com a seguinte lezenda:

Ao Desembargador, Castro Matoso, único promotor desta obra monumental.

Eterna gratidão dos povos e Câmara de Albergaria-a-Velha.

Os Mixordeiros

—o—

Os tribunais francêses teem ultimamente aplicado duras sanções aos falsificados dos vinhos do Porto e Madeira, alguns dos quais deram entrada nas cadeias após o pagamento de pesadas multas.

Admiravel justiça!

Obras Municipais

No *Diário do Govêrno* apareceu o relatório de um inquérito feito pelo sr. coronel Lopes Galvão aos matadouros e mercados das capitais dos distritos administrativos, documento, esse, que termina com as seguintes conclusões:

1.º—As cidades de Aveiro, Coimbra, Guarda e Leiria precisam urgentemente de novos matadouros municipais.

6.º—As cidades de Aveiro, Braga e Faro precisam de novos mercados e as restantes de transformar os que existem, melhorando-os e cobrindo-os.

E a terminar, propõe ao Govêrno o auxilio de que os municipios carecem para levarem por deante tão dispendiosas emprêsas.

Só assim.

Porque obras de vulto só se fazem com muito dinheiro.

Letreiros com graça

—o—

A este propósito, conta-nos a *Defeza de Arouca*, que, não muito longe da vila, havia, em tempo, um estabelecimento para venda de cal e sal. A' porta, este letreiro:

— *Vende-se cal.*

Mas na época da matança de cevados, quando o sal tem maior procura, o dono da loja transformava o letreiro e então aparecia:

— *Vende-se çal.*

Passada a época apagava a cedilha, depois voltava a colocá-la...

O talento de certos negociantes!...

Nomeação

—o—

Acaba de ser nomeado chefe de conservação de estradas e colocado em Vinhais, o nosso conterrâneo Francisco Faria de Melo Duarte, filho do nosso velho amigo Mário Duarte, director de Finanças em Vila Real e irmão do também nosso amigo Mário Faria Duarte, consul de 3.ª classe, actualmente fazendo serviço no ministério dos Negócios Estrangeiros.

Ao Chico Duarte, as nossas felicitações.

Alferes Lopes dos Santos

Tendo terminado, há pouco, em Agueda, o curso da Escola Central de Sargentos, veio publicada na última *Ordem do Exército* a promoção a alferes do nosso amigo António Lopes dos Santos, presidente da Junta de Freguesia da Oliveirinha, que agora foi colocado em Cavalaria 6 (Castelo Branco).

Felicitamo-lo.

OS MARCOS

—o—

Por determinação camararia fôram mandados arrancar das esquinas das ruas e outros sitios onde ainda existiam para defêsa ou vedação de transito, todos os marcos ou *frades* que Aveiro possuia e agora recolheram ao deposito municipal em terreno do convento de Jesus.

Está bem. Era esse, realmente, o logar mais proprio para os *frades*...

O ÚLTIMO

—o—

Saiu para os bancos da Terra Nova o ultimo lugre da nossa praça, que se chama *Senhora da Saudade* e foi, há pouco, adquirido no estrangeiro.

Oxalá o bacalhau não lhe seja falso.

Santos populares

—o—

Estâmos no mez dêles, mas, como se vem notando há já muitos anos, passa despercebido á mocidade, cuja tristêsa se acentua cada vez mais.

O' rapazes: despertem!

Arrebitem!...

Vêr a 4.ª página

entusiasmou na Granja do Marquês, próximo de Sintra.

Tudo que dêle se diga não é um pálido reflexo daquilo que os meus olhos, extasiados, admiraram.

Nunca mais esquecerei êsse espectáculo empolgante, magestoso, desde o aparecimento do grande dirigível até que, de novo, se sumiu no espaço, seguindo, entre as aclamações dos portugueses, a sua róta para a Alemanha.

Bem empregado o dia que passei à espera do gigante, cuja chegada se anunciou para as 8 horas para, afinal, só nos dar a honra da sua presença às 19 em ponto!

Coisas portuguesas...

Sôbre o rancho *Tricaninhas da Mocidade*, lá se exibiu, também, ontem, no Terreiro do Paço, entre vivos aplausos. Lá encontrei muitos aveirenses aqui residentes e ouvi as apreciações da multidão, que não podiam ser mais lisongeiras. Aveiro andava na bôca de todos e êsse facto desvaneceu-me por o muito que quero à minha terra.

Firmino Costa deve sentir-se orgulhoso pelo triunfo alcançado pelo grupo, que teve de bisar quási todas as canções. Na bandeira foi colocada uma larga fita de sêda, com as côres do pendão da cidade, e como recordação das festas, isto no meio de calorosas palmas da assistência.

O grupo, que partiu, de manhã, para Santarém, é igualmente portador de uma taça de prata, outra oferta com que o distinguiram e que marca a sua passagem pela *cidade de mármore e de granito* com honra e glória para Aveiro.

Um bravo a quantos o compõem!

E para terminar, aguardêmos o resto, como o cortejo mediéval e a parada de bombeiros de todo o país que também prometem, devendo esta fechar o programa das festas de Lisbôa em 1935 iniciadas o ano passado e das quais tanto carecia a capital, como prova da ordem implantada depois que à frente dos negócios públicos deixaram de estar os causadores da barafunda política afastados pelo Exército dos seus abojamentos.

Agora, sim, póde-se vir a Lisbôa afoitamente.

É um regalo, que não deixarêmos de recomendar a quem deseje distraír-se e adquirir conhecimentos antes de dar a alma ao Criador...

A. R.

A acção fisiológica do vinho sôbre o organismo

(Primeiro relatório do Dr. S. Dontas, professor de fisiologia na Universidade, membro da Academia de Atenas.)

A propaganda contra o alcoolismo tem, de ha muito tempo, dado a conhecer em todos os países a intoxicação que o organismo do homem sofre pelo abuso do alcool. Tem até mesmo procurado exagerar a acção nociva do alcool. E tem-se abstido de mencionar os efeitos úteis que um consumo racional de bebidas alcoolicas, e sôbre tudo de vinho natural, exerce no organismo. O vinho actua não sómente pelo seu alcool, mas também pelos éteres e acido carbónico que contem em maior ou menor abundância.

Creio que a melhor propaganda do vinho consiste em demonstrar que, se o abuso é nocivo, um consumo racional é ao contrário muito útil para o organismo. O bom vinho é um aperitivo e um alimento no qual a acção fisiológica sôbre as diferentes funcções do organismo é notável.

A ingestão de uma dose higiénica de alcool sob a forma de um bom vinho natural fornece ao organismo *um alimento de economia*. Êste alimento é indespensável para completar a refeição alimentar sôbretudo dos individuos que se nutrem mal ou pouco, em relação ao trabalho muscular que teem de fornecer. A adição de uma qualidade de vinho à refeição alimentar torna-a suficiente, e completa o *deficit* do organismo.

A acção fisiológica do vinho sôbre as diferentes funcções do organismo é a seguinte:

De baixo da influência do alcool, todas as secreções são sôbre-activadas. O alcool, e sôbretudo o bom vinho, provoca na bôca pelo gôsto e pela acção directa sôbre a mucosa uma secreção reflexa abundante de saliva.

No estomago vasio provoca uma congestão da mucosa, aumento dos seus movimentos, e uma secreção abundante dum suco gastrico muito ácido. Esta secreção faz-se se a densidade do alcool no estomago não se eleva acima de trez por cento. A introdução de uma quantidade de alcool durante as refeições, sôbretudo de vinho natural, que actua não sómente pelo seu alcool, mas também pelo seu ácido carbonico mais ou menos abundante e pelos seus éteres, provoca uma secreção mais abundante do suco gastrico, e, por isso mesmo, *uma digestão mais viva e facil*. Esta acção tem logar se o grau de alcool ingerido pelo estomago não é muito grande, pois chegou-se á conclusão que, se êle passa de dez por cento a digestão atraza-se.

A absorpção do alcool no tubo digestivo faz-se rápidamente sôbretudo quando se está em jejum. Depois das refeições, a absorpção faz-se lentamente. Essa absorpção é principalmente retrazada pela presença dos ácidos da mucilàgem, das substâncias de tanino, de assucares em abundância, e especialmente de matérias gôrdas.

No que diz respeito à acção do alcool *sôbre o coração* constataram-se os efeitos seguintes: nas experiências de Dixon, em animais homotérmicos de cujos corpos se extraiu o coração, tem-se observado que se o líquido nutritivo contem alcool na proporção de 0,05 até 0, 3 % as pancadas do coração se tornam mais fortes.

Vários experimentadores teem provado, por outro lado, *a acção tónica do alcool sôbre o coração enfraquecido*. A acção fortificante do alcool sôbre o coração explica-se porque o alcool penetra muito facilmente nas celulas, e serve como substância nutritiva do musculo cardiaco. O grau de alcool que circula nos vasos do coração não deve sôbrepassar 0,3 %.

Depois da absorpção de uma pequena quantidade de alcool, observa-se uma dilatação dos vasos da pele e do cerebro, o que provoca vermelhidões e uma sensação de calor em todo o corpo. A pressão arterial não baixa porque é acompanhada de uma vaso-constrição dos orgãos do ventre. Se esta constrição é mesmo mais acentuada do que a dilatação, pode sobrevir um ligeiro aumento da pressão sanguinia. Foi o que obsorvou Binz, e outros, em pessoas que tinham abservido 60-80 cmc de vinho ou de outras bebidas com 10 % de alcool. Nas pessoas enfraquecidas cuja pressão sanguinea é menor do que a normal observa-se um aumento de pressão depois da ingestão do vinho. Várias constatações feitas em pessoas cujo coração está enfraquecido e cujo pulso é fraco demonstraram que a absorpção dum bom vinho, champagne, tem uma acção tónica imediata sôbre as pulsações cardiacas e que melhora a circulação do sangue nos vasos cardiacos e nos vasos do corpo em geral.

Depois do consumo do vinho nota-se também uma modificação da respiração. Consiste no aumento da amplitude e do número dos movimentos respiratórios, o que provoca um aumento das trocas respiratórias. Êste resultado, segundo Binz e seus discipulos produz-se, por um lado por via reflexa, provocada pela excitação dos diferentes nervos sensitivos, como os do gôsto, olfato, e da mucosa do estomago, e por outro lado, pela acção directa do alcool absorvido sob o centro respiratório. Está reconhecido que uma pequena quantidade de alcool facilita o *trabalho muscular*. Fizeram-se várias investigações experimentais com o fim de verificar se o aumento do trabalho muscular é verdadeiro ou fenomenal, e se êste aumento é devido a uma acção directa do alcool sôbre os musculos ou a uma acção indirecta por excitação do sistêma cervoso.

Trad. e adapt. de Mário Duarte (consul)

Secção desportiva

Foot-Ball

Aveiro 3 — Braga 3

O encontro efectuado domingo, entre as selecções dos dois distritos—Aveiro e Braga—terminou com um empate de tres bolas, resultado aliás aceitável devido ao perfeito equilibrio das duas *èquipes*. A de Braga jogou com mais tecnica mostrando nas suas jogadas melhor combinação e homogeneidade, valendo, talvez, aos aveirenses o terem jogado em sua casa.

Antes do inicio da partida o sr. Coentro de Pinho, presidente da A. F. A., que continua a ter a sua séde e secretaria em Ovar, fez entrega ao seu colega da de Braga, sr. Vilão Pereira de um lindo galhardete com o brazão de Aveiro.

Os *teams* apresentaram a seguinte constituição:

Aveiro—Vieira (*S. C. de Espinho*); Januário (*A D. O*) e Simões (*B. Mar*); Mário (*P. Brandão*), Lino (*Galitos*) e Belmiro (*Galitos*); Estarreja (*A. D. O.*), J. de Pinho (*B. Mar*). Zeferino (*A. D. O*), Teixeira (*Galitos*) e Maximiano (*B. Mar*).

Braga—Dionisio (*Comercial*), Cunha (*Sporting*) e Horacio (*Fafe*); Silvio Carneiro (*Sporting*); Laureta (*União*) e Viana (*Sporting*); Sá Campos e Muchacho (*Sporting*) e Argentino, Mica e Bravo (*União*).

A's 16, 30 horas o sr. Hilário Fernandes deu inicio ao encontro, cabendo a bola de saída á selecção aveirense, que desce pela direita, obrigando o guarda-redes bracarense a intervir, estreando-se. Aveiro continua a atacar e a-pesar-de os visitantes cederem dois cantos seguidos, o marcador conserva-se intacto. Zeferino, aos 6 minutos, faz nova tentativa, que falha em virtude da balisa se encontrar já defesa...

A bola está agora de posse dos bracarenses, que se esforçam por obter o ponto de honra, que Vieira inutilisa. As redes aveirenses começam a ser assediadas e aos dez minutos, Campos, com uma oportuna cabeçada, consegue o ponto de honra para o seu distrito. Cinco minutos depois é Muchacho quem marca a segunda bola, sem defesa possivel. Pouco depois Mario, que estava sendo o nosso melhor *alff* abandona o campo, magoado, sendo substituido durante algum tempo por Larangeira.

Um forte *choot* de Maximiano obriga Dionisio a conceder terceiro canto cujo resultado foi nulo. Lino recebe o esférico, atira também, mas este sai pela linha da cabeceira. José de Pinho, mais uma vez com a bola, *dribla* com mestria, dois defesas, e endossa o esférico a Maximiano que o anicha nas redes bracarenses, fazendo assim o seu primeiro *goal*. Aveiro, pouco depois, tem o empate á vista por intermédio de Teixeira, mas Dionisio, com uma optima defesa, evita. Está prestes a terminar a primeira parte. Lino, atingido por um pontapé, é obrigado a abandonar o campo, sendo substituido por Ferrer, acontecendo o mesmo, momentos depois, a Mario, que novamente sai do retangulo, magoado, cedendo o seu logar a Laranjeira. Nesta altura a assistencia manifesta-se ruidosamente contra a péssima arbitragem do sr. H. Fernandes que, de mistura com algumas irregularidades, não reprimiu, como devia, o jogo duro desenvolvido pelos nossos visitantes, que não se lembraram de que estavam em sua casa.

E assim terminou a primeira parte com os bracarenses a ganhar por 2-1, tendo após o descanso regulamentar, recomeçado o jogo sob a direcção do sr. tenente Natividade e Silva, que, áparte pequenas faltas, conseguiu reprimir o jogo duro, tendo tambem o máximo cuidado com os *off-sides*.

Os dois jogadores — Lino e Mario — que haviam sido substituidos por se encontrarem magoados, voltaram, de novo, a alinhar o que causou estranhesa no publico e com certa razão, pois êsses elementos *estoirados* não produziam o suficiente devido ao estado em que se encontravam.

Deu em resultado o primeiro ter de abandonar de novo o campo aos quatorze minutos, voltando a substitui-lo Ferrer.

Logo no inicio da segunda parte é assinalada uma grande penalidade a favor de Aveiro, que deu ensejo a protestos da parte contrária, visto o castigo, em nosso entender, ser demasiado rigoroso. Marcado por Maximiano atirou prepositadamente para fóra. Momentos depois surge novo *penalty* contra Braga, que Zeferino não aproveitou, atirando o esferico de encontro ao guarda-redes. Aos 22 minutos do segundo tempo a linha aveirense sofre modificação com a saida de Teixeira, que deu logar á entrada de Laranjeira para interior direito, passando José de Pinho para o esquerdo. Este jogador, aos 35 minutos, consegue o melhor *goal* da tarde, igualando o marcador e aos 42, Braga por intermedio de Argentino, modifica-o para 3-2. Quasi no final da partida, a um minuto, Zeferino, aproveitando as redes adversárias desertas, pois o *keeper* estava junto de si, marca o ultimo ponto da tarde, terminando assim o desafio com um empate de tres bolas.

Da selecção de Aveiro o melhor foi Mario e se não se tivesse magoado mais se teria distinguido; José de Pinho e Maximiano só quando se juntaram produziram jogo de rendimento; Zeferino foi inferior á nossa espectativa; Teixeira, no primeiro tempo, foi um elemento de certo valor, decaindo no segundo, e Belmiro foi o pior da linha intermediaria, cujo *furo* foi aproveitado pelos adversários.

Os bracarenses todos produziram, maios ou menos, sendo dignos de especial referencia Dionizio, Cunha e Silvio, que foram sem duvida os melhores.

E para terminar esperamos que os encarregados de seleccionar sejam para outra vez mais felizes.

Basket-Ball

Beira-Mar—Galitos

No campo do Parque defrontam-se ámanhã os primeiros *teams* do *Sport Club Beira-Mar* e do *Club dos Galitos*, devendo o vencedor disputar domingo seguinte a taça que está de posse do Liceu de José Estêvão.

E porque se trata de dois clubs, velhos rivais, é de prever o interesse que este jogo está despertando.

A.

Desastre

No proximo logar de Vilar deu-se quarta-feira um desastre, tendo ficado com a perna esquerda debaixo da roda dum carro de bois o lavrador Antonio Gonçalves Rei, que, seguindo a radiografia a que foi submetido no nosso Hospital, onde déra entrada, apresenta uma factura exposta.

Veio no pronto-socorro da Associação H. dos Bombeiros Voluntários.

Necrologia

Ao amanhecer de quarta-feira exalou o ultimo suspiro, após uma agonia lenta, a menina Armanda Pinho das Neves, que assim desaparece no apogeu da mocidade — 19 risonhas primaveras — ou seja na idade em que todos os corações se robustecem e animam nas mais doces e acariciadoras esperanças da vida.

A desventurada Armandinha, botão de rosa desfolhado na quadra mais estonteante da existencia, deixa mergulhados numa indelevel saudade seus desolados pais, o sr. Eduardo Pinho das Neves e esposa e bem assim quantos, de perto, conheciam e apreciavam a grandeza dos sentimentos que possuia.

Vitimou-a um mal que não perdôa, de nada, por isso, valendo os esforços empregados para a arrancar á morte prematura e impiedosa.

O seu funeral civil realisou-se no mesmo dia, de tarde, com numeroso acompanhamento, tendo sido portador da chave da urna o sr. Luis Pinho das Neves, tio da extinta.

* *

Na Pampilhosa do Botão também sucumbiu, domingo, aos estragos do terrivel flagelo que tantas vidas tem aniquilado, o sr. Carlos Marques, cuja morte foi assaz sentida devido á sua invulgar actividade e ao seu integro caracter.

Deixou viuva a sr.ª D. Emilia Lopes de Araújo Marques e uma filhinha de 3 anos, que era todo o seu enlevo.

Teve também um enterro bastante concorrido, fazendo-se turnos e sendo a chave do ataude conduzida pelo sr. António Marques, irmão do extinto.

O inditoso moço, que desaparece com 32 anos, apenas, era tambem irmão do nosso amigo João Marques, estimado empregado nos *Armazens de Aveiro, L da* desta cidade.

A's familias enlutadas apresentâmos sentidas condolências.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. dr. Ernesto de Pinho Guedes, médico em Coimbra; ámanhã, o académico José Dias Leitão, filho do sr. Aldobrando Leitão, residente na mesma cidade; no dia 17, a sr.ª D. Zulmira de Brito T. Pinto, filha da sr.ª D. Alice Brito T. Pinto; em 18, o sr. tenente Alfredo de Brito, residente no Porto e o Antoninho, filho do sr. Henrique Simões da Silva, actualmente em Candal (Vila Nova de Gaia); em 19, o sr. dr. Hernani Ferreira de Miranda, advogado em Albergaria-a Velha e a inocente Marilia Antonina, filhinha do sr. dr. Fernando Domingues Magano, distinto clinico no Porto; em 20, a sr.ª D. Isabel de Melo Brito, filha do sr. António Constantino de Brito, farmacêutico em Valadares e em 21, a sr.ª D. Maria das Dores Sachetti e o sr. João Luis de Rezende Júnior.

—Também na quarta-feira festejou o primeiro aniversário a galante Maria Isabel, filhinha da sr.ª D. Maria da Apresentação Mendonça Tavares e de seu marido o sr. José Ferreira Tavares, fabricante de vinhos espumosos em Anadia e neta da sr.ª D. Alice Mendonça e Silva.

Parabens.

Gente Nova

Teve o seu feliz sucesso, no último sábado, a esposa do sr. António Tavares de Sousa, que deu á luz uma criança de sexo masculino.

Mãe e filho encontram se bem.

—Com felicidade também teve há dias um menino a esposa do sr. António Martins Pereira, da Hortícola Aveirense, desta cidade.

Já foi registado, recebendo o nome de José.

Partidas e Chegadas

Partiu para o Pará (E. U. do Brasil) onde já esteve, o nosso assinante sr. João Ferreira Júnior, do próximo lugar de Vilar.

—Segue em breves dias para Inglaterra, Holanda, Bélgica e França, a-fim-de tratar dos seus negócios, o sr. António da Maia, ha muito residente em Lisboa.

—De visita a seu pai o nosso velho amigo Alfredo César de Brito, estiveram terça-feira nesta cidade a sr.ª D. Maria José Brito Bessa e o tenente Alfredo de Brito, residentes no Porto.

—Também no mesmo dia cumprimentámos na Redacção o nosso antigo assinante sr. Manuel Simões Carrelo Júnior, de Cacia.

Doentes

São animadoras as melhoras que tem experimentado nos últimos dias o activo negociante sr. Manuel Maria Moreira, que continúa internado num quarto particular do Hospital da Universidade de Coimbra.

Uma maravilha

Estação de verão

A casa de modas do nosso amigo Antonio N. F. Ramos, da Rua Direita, a exemplo do que fizeram algumas suas congéneres, expõe ámanhã, na respectiva montra, artigos de alta novidade para a próxima estação, impondo-se, por esse motivo, uma visita do belo sexo.

Que é a quem mais interessa.

Comarca de Aveiro

1.ª Vara

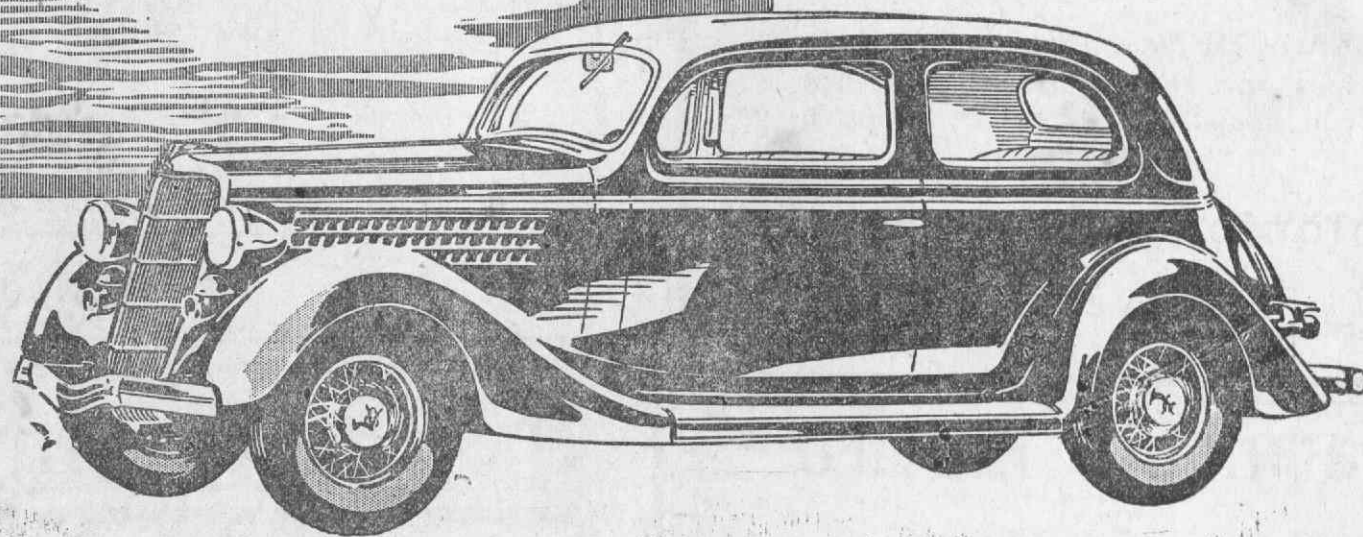
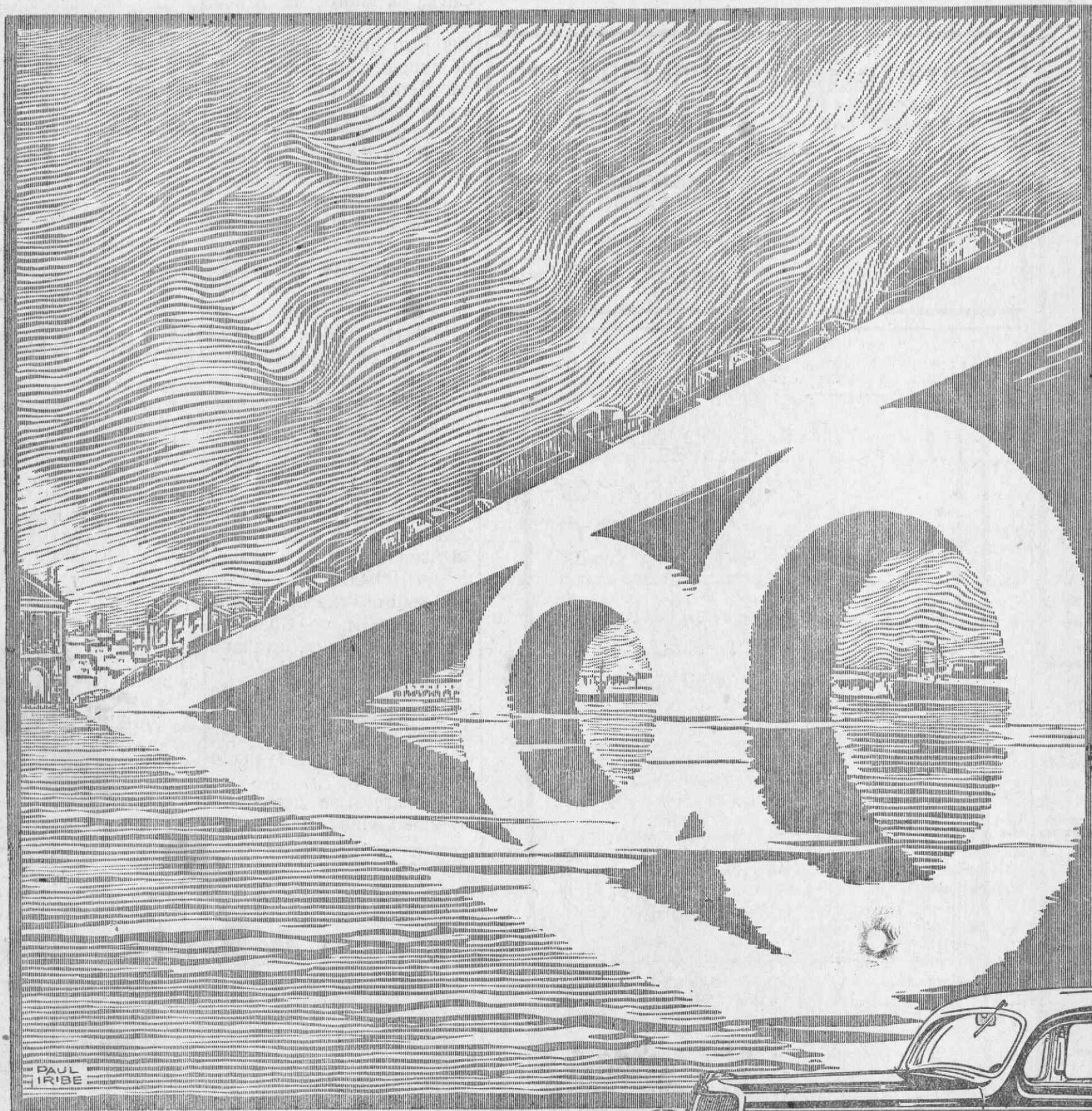
Divórcio

Por sentença de 13 de Maio de 1935, que transitou em julgado, foi convertida em divórcio definitivo a separação de pessoas e bens os conjuges D. Branca Amador de Moura, de Aveiro, e Adelino Augusto Soares Leite, atualmente residente em Coimbra.

Aveiro, 6 de Junho de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Artur Valente

O Chefe da 2.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Correspondencias

Costa do Valado, 11

Quando ao fim da tarde Custódio Henriques de Carvalho, residente na Oliveirinha, procedia a escavações numa saibreira, na Gandara, aquelá, desabando, fez com que recebesse, alguns ferimentos mas sem gravidade.

—Pela sua recente promoção a alferes tem sido muito cumprimentado o nosso amigo António Lopes dos Santos, presidente da Junta de Freguesia, aqui residente.

— De visita a sua familia veio aqui passar dois dias o também nosso amigo Julio Ferreira Dias, chefe da Estação Telegrafo Postal de Caminha.

C.

Eixo, 13

Vários habitantes estão procedendo com actividade à montagem das suas instalações eléctricas, a-fim-de que à dáta da inauguração da luz, que deverá ser por todo êste mês, haja o maior número possível.

Aguarda-se, para isso, a devida inspecção e aprovação pelas entidades competentes.

— Na escola do sexo masculino acaba de ser fundada uma sôpa escolar para os alunos extremamente pobres. Oxalá que os corações bem formados e todos os que podem auxiliem esta benéfica iniciativa, que vem mitigar um pouco a fóme que algumas crianças passavam, pois, ao intervalo do jantar, é que ainda iam mendigar pelas portas um bocado de pão sêco que lhes servia de refeição do meio dia.

C.

DESPEDIDA

João Ferreira Júnior, retirando de novo para o Pará (E. U. do Brasil) e na impossibilidade de se despedir das pessoas das suas relações, fá-lo por êste meio oferecendo os seus préstimos naquela cidade.

Vilar, 8 de Junho de 1935.

Êste número foi visado pela Censura

MOBILIAS
DE VERGA

Decorativas **Económicas**
Duradoiras **Perfeitas**
Modernas **Tipicas**

DISTINÇÃO E BOM GOSTO

para

Praia Campo
Hotel
Salas de visita e de costura

Vende

Vª de Ant. da Silva Afonso

R. Ten. Rezende e P. do Peixe

AVEIRO

Casa Aluga-se no Rossio a que pertenceu ao falecido Carlos Picado. Tem água e instalação electrica.

Tratar com Manuel F. da Rocha Leitão — R. Eça de Queiroz —Aveiro.

Honroso...

...é o convite que faz a *Farmácia Brito*, às gentis damas aveirenses, que saibam bem vestir e perfumar-se, a experimentar as essências a pêso que tem à venda, das melhores qualidades e aos seguintes preços:

Extratos de $10 a 2$00 o gr.
Loções » 30$00 » 80$00 » L.
Agua de colon. » 20$00 » 60$00 » L.
Vernizes para unhas, em tôdas as côres, a $50 cada grama e 4$00 o decagrama.

Estes perfumes são de aroma persistente, devido á cuidadosa fixação dos seus fabricantes, que são os melhores e mais conhecidos da Alemanha e Holanda.

Lancha

Vende-se, com motor portatil e lotação para 15 pessoas, ou troca-se por outra com lotação para 6 pessoas.

Nesta Redacção se diz.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,16 (tram.)	7,56 (tram.) Fig.
5,40 (correio).	9,35 (rápido)
7,16 (tram.)	11,24 (correio)
10,21 (»)	13,27 (tram.) Fig.
12,56 (rápido)	14,03 (sud)
13,43 (tram.)	16,16 (tram.)
16,58 (»)	19,23 (rápido)
18,10 (sud)	21,44 (tram.)
18,34 (correio)	0,40 (correio)
21,08 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 19,06 e às 20,39, que não seguem.
22,28 (rápido)	

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,57	7,06
13,45	10,14
17,31	18,26
19,30	22,49

Dentista Soares

Clinica dentaria—Dentes artificiais

Ortodoncia

Rua João Mendonça

(Junto ao Banco N. Ultramarino)

AVEIRO

CASA

Vende-se na Rua os Combatentes da Grande Guerra, com instalação electrica, água e quintal

Tratar no *Restaurante Moderno*.

Instalação electrica

Vende-se em segunda mão. Aqui se díz.

A fechar

No tribunal:

—Vâmos então cá a saber: porque é que o reu bateu na sua mulher?

—Foi por acaso, sr. juiz.

—Como assim?

—Foi por acaso, acredite. Se ela, quasi sempre, é quem me bate...

Comarca de Aveiro

—o—

1.ª Vara

Arrematação

1.ª publicação

No dia 23 de Junho corrente, por 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução de sentença da acção sumaria comercial que Manuel Gonçalves da Vitoria, de Arada, move contra Umbelina de Jesus, Joaquim da Cruz Garrido e mulher, lavradores, de São Bernardo, proceder-se-á a arrematação, em hasta publica, para serem entregues a quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, os seguintes bens:

O usufruto vitalicio de um assento de casas terreas, com aido e pertenças, na rua Direita, de São Bernardo, avaliado em 2.500$00;

O direito e acção a metade de um predio de casas e aido de terra lavradia, no Barro, de São Bernardo, avaliada em 500$00;

O usufruto vitalicio de uma terra lavradia, sita na Patela, avaliada em 500$00;

O usufruto vitalicio de uma terra lavradia e pinhal, sita na Azenha de Baixo, avaliado em 100$00;

O usufruto vitalicio de uma terra lavradia, no Chão do Mato ou Molareira, avaliado em 2.200$00;

O usufruto vitalicio de uma terra lavradia, com poço e estanca rios, na rua Cega, de São Bernardo, avaliado em 2.200$00;

O usufruto de uma terra lavradia e vinha, sita na Carapina, avaliado em 200$00.

E bem assim se ha-de proceder, tambem no mesmo dia, por 10 horas, à arrematação, em hasta publica, dos moveis penhorados àqueles executados, para serem entregues a quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, e à porta dos mesmos executados, no lugar de São Bernardo.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos, para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 1 de Junho de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Artur Valente

O Chefe da 2.ª, secção

Julio Homem de Carvalho Cristo